

Os cemitérios como fonte para o ensino da História e da Arte

Fabio William de Souza
ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

Resumo: Os cemitérios são uma fonte inesgotável de produção de cultura material para a pesquisa e o ensino da História. Por meio da História Cultural, os pesquisadores têm estudado este local rico de História e de Arte. A história das cidades pode ser verificada dentro dos cemitérios por meio de visitas guiadas e por projetos para o ensino fundamental e médio. O Brasil possui uma diversidade de cemitérios fundados no século XIX e século XX, que dentro de seus muros reproduziram a dinâmica social, a econômica e a política da sociedade brasileira. Cemitérios como o de São João Batista, na cidade do Rio de Janeiro concentram entre os que ali foram sepultados vultos históricos da política e das artes do Brasil. Em São Paulo, o cemitério da Consolação também constitui um acervo histórico e artístico que não fica devendo a nenhum famoso cemitério do mundo. O cemitério de Santo Antônio em Campo Grande historicamente foi a primeira necrópole da capital de Mato Grosso do Sul. Dentro de seus muros estão enterradas figuras importantes da história da cidade e do estado. Para alguns, o cemitério pode ser considerado um local macabro, mas na realidade é um local onde se respira História e Arte. Os professores de história sempre estão em busca de novas formas de apresentar a disciplina e de também fazer com que os alunos entendem os processos históricos. A proposta de visita guiada aos cemitérios já possui experiências interessantes. Na cidade de Belo Horizonte a professora doutora Marcelina Almeida realiza visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim e existe também a visita guiada ao cemitério de São Francisco de Paula na cidade de Curitiba realizada pela pesquisadora Clarissa Grassi. Normalmente, nas visitas são abordadas as questões históricas e artísticas. Por estes e outros motivos, os professores de história podem e devem elaborar projetos de visita guiada aos cemitérios de suas cidades. Os mesmos cidadãos que nomeiam as ruas, praças, prédios e locais públicos possivelmente estão enterrados dentro dos cemitérios destas mesmas cidades. A proposta de ensinar História e Arte por meio da visita aos cemitérios não é nova, mas a questão é que não podemos mais ignorar esta fonte de história local e regional e definitivamente utilizá-la de forma a inserir mais uma forma de ensino da história que não

10.4025/6cih.pphuem.530

sejam apenas os livros e os meios tradicionais. A Arte pode ser verificada nas esculturas, nos baixos relevos, na arquitetura tumular e em toda a produção material que é encontrada nos túmulos e mausoléus. Se existe a possibilidade de novas abordagens para a História e para a Arte, o professor de História deve aproveitá-las e também verificar a possibilidade de trabalhar a interdisciplinaridade com os alunos. Assim, os cemitérios podem ser uma fonte interessante e nova de abordar a História.

Palavras-chave: Arte e História; Ensino da História; Cemitérios.

Abstract: Cemeteries are an inexhaustible source of production of material culture for research and teaching of history. Through Cultural History, researchers have studied this place rich in history and art. The history of cities can be checked within the cemeteries through guided tours and projects for the elementary and middle school. Brazil has a variety of cemeteries founded in the nineteenth and twentieth century, that within its walls reproduced the social dynamics, and the economic policy of the Brazilian society. Cemeteries such as São João Batista, in the city of Rio de Janeiro concentrated among those buried there were historical figures of politics and arts of Brazil. In São Paulo, the cemetery of Consolação is also a historical and artistic should not get to any of the world famous cemetery. The cemetery of Santo Antônio in Campo Grande was historically the first necropolis of the capital of Mato Grosso do Sul Within its walls are buried important figures in the history of the city and the state. For some, the cemetery can be a local macabre, but in reality it is a place where you can breathe and Art History. History teachers are always looking for new ways to present the discipline and also to make the students understand the historical processes. The proposed tour to cemeteries already have interesting experiences. In the city of Belo Horizonte Professor Dr. Marcelina Almeida conducts guided tours of the Cemetery of Bonfim and there is also a guided tour of the cemetery of São Francisco de Paula in Curitiba conducted by researcher Clarissa Grassi. Normally, the visits issues are addressed historical and artistic. For these and other reasons, history teachers can and should develop projects guided tour of the cemeteries of their cities. The same people who appoint the streets, squares, buildings and public places are possibly buried in the cemeteries of these same cities. The proposal to teach History and Art through visits to cemeteries is not new, but the point is that we can no longer ignore this source of local and regional history and definitely use it in order to insert one more way of teaching history not only books and

10.4025/6cih.pphuem.530

traditional media. Art can be seen in the sculptures, the bas-reliefs in tomb architecture and all production material that is found in the tombs and mausoleums. If there is the possibility of new approaches to the history and the art, the history teacher should take advantage of them and also check the possibility of interdisciplinary work with students. Thus, cemeteries can be a source of interesting and new approach to history.

Keywords: Art and History, Teaching History, Cemeteries.

Para Rosário do Congro, intendente municipal no ano de 1919, o primeiro cemitério de Campo Grande deveria ter o caráter educativo de lembrar os vivos de seu destino e de ser um local da beleza e das artes. (CONGRO, 1919, p. 08) Seu desejo era de trazer para o cemitério Santo Antônio as mesmas características dos cemitérios dos centros mais urbanizados do Brasil. Mesmo que, ainda hoje, a sociedade campo-grandense não dê o devido valor para a sua primeira necrópole, a dinâmica histórica o transformou em um local de interessante observação do passado, com um grande acervo de obras de arte e de arquitetura peculiar. A família do morto costuma representar a devoção do falecido, que o acompanha no momento da morte, ficando assim eternizada sobre sua lápide. As construções e obras de artes acabam preenchendo os olhos dos vivos, através da beleza e utilizando-se de materiais como o bronze, o mármore, o granito e outros materiais como o concreto armado.

Os professores de história podem aproveitar dos cemitérios como uma forma de ensino da sua disciplina. Por vezes, os agentes sociais e históricos que contribuíram de alguma forma para a arte, a cultura e história da sociedade, encontram-se sepultados nos limites dos cemitérios mais antigos das cidades. O trabalho de pesquisa para a elaborar as visitas guiadas podem ser realizadas de maneira multidisciplinar e com o apoio dos professores de outras áreas de conhecimento como a arte, a sociologia, a filosofia e entre outras. Através destas visitas os educandos podem possuir um conhecimento direto sobre a história da sua cidade, a história local e regional. Assim, os professores também podem efetuar um trabalho de preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico que são encontrados atrás dos muros da cidade dos mortos.

Estudando-se o livro clássico sobre cemitérios de Clarival do Prado Valladares, nele se indica um dos caminhos para se estudar os cemitérios do Oeste do Brasil. Pois, na arte

tumulária também está representado o estilo de vida do homem do antigo Sul de Mato Grosso, que segundo Clarival do Prado Valladares (1972, p. 1128), “de Uberlândia a Campo Grande a arte tumulária é genuína e regional, trazendo também em si a constituição da sociedade patriarcal dos primeiros sertanistas que a transmitiram aos seus descendentes”. Portanto, um modelo de sociedade que buscava ser forte e ligada a pecuária, também procurou ser representada nos cemitérios da região que convencionou de chamar-se de sertão. Por esta característica regional, o cemitério de Santo Antônio de Campo Grande apresenta uma rica fonte de estudo.

Experiências brasileiras de visitas aos cemitérios, comprovam que estes locais podem ser utilizados para o ensino da arte e da história. Como exemplo, pode-se tomar a visita guiada ao cemitério do Bonfim em Belo Horizonte efetuada pela professora doutora da UEMG, a Universidade Estadual do Estado de Minas Gerais, Marcelina das Graças de Almeida, iniciativas que podem e devem ser valorizadas e copiadas. (CRUZ, 2012) Nessas visitas unem-se História e Arte, e aos visitantes é possibilitada a experiência de entender o espaço cemiterial, que muitas vezes, no senso comum possui muito de mitos e preconceitos que foram concebidos durante os séculos. A professora Marcelina afirma que: “O Bonfim não vai deixar de ser cemitério, ele cumpre a função primordial que é enterrar gente, mas queremos mostrar que há uma história interessante para aprender”. E através desta história ter o contato com as obras de artes e os com os artistas que ali possuem trabalhos artísticos. Outro exemplo é a visita ao cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, esta que é efetuada pela pesquisadora Clarissa Grassi. (FRANCO, 2012)

Para Ariès, não existem sociedades sem belas artes e o local das belas artes é no interior da própria sociedade. (ARIÈS, 1985, p. 212) A arte está nas obras arquitetônicas, nas peças de museus, na comunicação visual, no design e em tudo que o homem produz. A arte e a sociedade humana estão ligadas e uma não sobrevive sem a outra. Por isso, os cemitérios talvez sejam um dos lugares onde o homem possui um conjunto bem interessante de comunicação de diversos tipos de arte. Neles podemos encontrar a linguagem escrita e poética dos epitáfios, as belas artes nas esculturas, a simbologia das alegorias, a arquitetura na construção dos monumentos e túmulos, e por fim, a história da arte simbolizada nas alterações do gosto estético que a sociedade local absorveu nos estilos de construção e de representação artística. Os cemitérios expõem as estranhas da sociedade, e esta é representada

pela arte. Utilizar-se deste conjunto cultural é uma das formas de realizar a educação para a preservação patrimonial.

Reis (2004, p. 260-261), afirma que, de encontro aos primeiros anos da república no Brasil, os médicos como Alves, já previam que os cemitérios tornar-se-iam um local de civismo, com “pinheiros melancólicos”, sobre o “túmulo dos benfeitores a Pátria”. Apesar de ser um olhar positivista, esta afirmação data os meados dos anos de 1830. Os médicos não ignoravam a importância do culto aos mortos. O que sugeriam era uma reinterpretação do culto, o seu viés seria mais cívico que religioso. As igrejas e templos, para os sanitaristas deveria apenas ser local de culto sagrado “onde deveríamos respirar o suave perfume dos altares, se acham convertidos em outros tantos focos de podridão”. No cemitério-modelo dos reformadores funerários, a virtude cívica substituiria a devoção religiosa. Era um programa burguês que se recomendava a uma sociedade semi-estamental baseada na escravidão. (REIS, 1997, p. 134)

Em Campo Grande o jornal local Correio do Sul recomendava em 1922, o seguinte culto e a celebração dos mortos:

Finados

E hoje feriado nacional e o mais significativo delles, em homenagem ao mortos. A República ditada por grandes espíritos positivistas cumpria assim um dos dictames da sua filosofia. Os vivos cada vez mais governados pelos mortos. Não ha coração que não relembre hoje um ente querido objectivamente desaparecido na voragem do tempo, vivendo porém na lembrança, parecendo que cada morto querido esta sempre ao nosso lado, nos protegendo e nos guiando. Façamos hoje uma parada na lucta diária e elevemos a nossa prece pelos que se foram; Refloremos os tumulos, abramos nossa alma á saudade dos entes queridos, que esperam no Alem. (Jornal Correio do Sul, 02/11/1922)

Os positivistas religiosos acreditavam na imortalidade subjetiva da alma, cultuando a memória dos mortos pelo legado que deixaram para a cultura humana: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos" é a máxima de Auguste Comte. O autor do texto do jornal usou da intertextualidade para reproduzir as ideias da Igreja do Positivismo e também os ideais de Comte. O trecho do jornal demonstra uma característica da religiosidade praticada no Brasil. Ora se exaltam os valores positivistas, ora possui traços de catolicismo e também alguns aspectos do espiritismo.

Para Freud (s/d, p. 112), em algumas culturas o nome do morto não pode sequer ser pronunciado. Os cristãos protestantes condenam até mesmo a oração pelos mortos. A partir do final do século XIX, as sociedades de cultura industrial capitalistas, apropriam-se dos mortos. O morto não pertence mais à família, aos seus amigos próximos, o mesmo deve ser louvado e homenageado por toda uma sociedade. Flores (2006, p. 113-114), que analisou a forma como a memória do morto ultrapassa o círculo familiar. Antes, uma memória reservada às igrejas, nas missas de sétimo dia, aos cemitérios, através dos monumentos fúnebres, na família, com a guarda do luto, são agora transferidos para fora dos muros das necrópoles. Aqui, quebra-se a fronteira do Além. Os mortos ilustres, vultos da sociedade, acabam por batizar as ruas, as avenidas, as praças, estádios, aeroportos e outras obras construídas pelo homem. Existem também os casos em que cidades recebem o nome do morto, Presidente Prudente – SP, Luís Eduardo Magalhães – BA e Tancredo Neves – BA, entre outros. Esta atitude diante da morte, a de homenagear, os que fizeram o passamento, é para a perpetuação dos atos e da memória destes cidadãos.

Portanto, a partir deste gesto, a invocação do morto não é mais proibida, o mesmo passa a ser invocado, lembrado e presentificado a cada momento em que se pronuncia, por exemplo, no nome de uma rua. A morte é encarada como perda, como dor e como pesar. Ela vem, retirar a falsa ideia de imortalidade. Mas ao mesmo tempo o culto aos mortos e as homenagens a eles prestadas os fazem se tornarem eternos na memória coletiva de uma sociedade.

Elias (2001, p. 07), nos lembra que a morte pode ser mitologizada. Com o fim da vida, nova etapa começa nos lugares como, Hades, Valhalla, no Inferno ou no Paraíso. O homem sempre tentou evitar a morte, escamoteando e preparando-se para a morte do outro e não para a sua. O cristianismo também traz em si a visão de um mundo no Além, porém a sociedade capitalista destruiu a esperança, fazendo com que a morte seja apenas dor e perda.

Mas o cemitério pode ser um local para o ensino e a discussão da arte, da sociedade e da vida. Ao se preparar uma visita guiada ao cemitério pode-se conhecer mais de perto a história e a sociedade da qualquer cidade. Em Campo Grande, por exemplo, José Antônio Pereira possui vários monumentos espalhados pela cidade em sua homenagem. Um busto no cruzamento da Avenida Afonso Pena com a Avenida Pandiá Calógeras, no centro de Campo

Grande. Uma rua batizada com o seu nome que também cruza a Avenida Afonso Pena. Neste cruzamento no ano de 1933, foi construído um obelisco em sua homenagem, este que influenciou o modelo do seu túmulo. (SOUZA, 2008, p. 99)

O túmulo do Sr. José Antônio Pereira é um dos que pode ser analisado de diversas formas. O mesmo fora sepultado no cemitério antigo de Campo Grande, em cova rasa, local que não prestava o devido respeito ao fundador da cidade. Seus despojos foram trasladados do cemitério anterior desativado e colocado em um túmulo em forma de obelisco. O mesmo símbolo que hoje se encontra na rua José Antônio Pereira, que recebeu o seu nome no centro de Campo Grande, na congruência com a avenida Afonso Pena. Este obelisco no centro da cidade foi uma homenagem do Exército Brasileiro, inaugurado em 26 de agosto de 1933, no aniversário de Campo Grande, pelo então Prefeito Ytrio Corrêa da Costa, projetado pelo engenheiro do Comando da 9ª região Militar, Newton Cavalcanti. Segundo relatos, como o de Machado (2000, p. 368-370), a imagem que ali está não foi a de José Antônio Pereira, mas sim a de seu filho Antônio Luiz Pereira, pelo simples motivo dele nunca ter posado para uma foto.

Estrategicamente localizado à direita da entrada do cemitério, seu túmulo foi construído em granito marrom e com uma arquitetura moderna. Para chegar-se ao início do monumento, vê-se forjada uma pequena escadaria lembrando-nos que ele foi um homem superior e que se precisa elevar-se para estar-se próximos dele, o mais importante vulto da sociedade campo-grandense. A perpetuação de sua memória foi efetuada em 1933, nos anos anteriores sua figura não era exaltada como a importância que ganhou posteriormente. (FIGURA, 02)

Devido à revolta de 1932 contra o governo Vargas e o resgate do culto aos pioneiros, sua relevância histórica foi redescoberta. Este fato foi muito comum na constituição da história de muitas cidades no Brasil. Diferente de São Paulo, Campo Grande não teve heróis mortos na revolta e a forma encontrada para criar uma história e identidade para a cidade e para o sul de Mato Grosso foi reconhecer José Antônio como figura primordial na ressignificação do passado e do futuro.

Na falta de Panteão, a cidade de Campo Grande, utilizou-se de seu primeiro cemitério para louvar os grandes homens de sua sociedade. Os Panteões, como nos lembra Nora, são

10.4025/6cih.pphuem.530

locais da memória, onde se celebram os heróis do país e das cidades. (NORA, 1997, p. 15). Nora, também é crítico da sociedade que reforça a memória de seus vultos, inclusive nos cemitérios. Para ele, esta ritualização não passa de uma incoerência. Uma sociedade que tudo esquece, que tudo é passageiro, transforma marcos, pessoas de outra era, em ilusões de pretensa eternidade. Refere-se Nora:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processo verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 13).

O vereador Amando de Oliveira fora assassinado. Machado (1990, p. 198-199), narra como se deu a sua morte. Ao encaminhar-se de sua Fazenda Bandeira para uma reunião da Câmara municipal, da qual era o presidente, incoerentemente para presidir a sessão que aprovaria a proposta dos vereadores Marcos da Fonseca e João Alves Pereira, com uma verba de um conto de réis para a transferência do cemitério da região da Avenida Bandeirantes, atual Senai, para onde hoje se localiza o cemitério Santo Antônio. Em 10 de junho de 1914, sofreu uma emboscada e foi o primeiro a ser enterrado no campo santo.

Na inscrição lapidar do seu mausoléu, localizado na quadra V, é a seguinte: “Amando de Oliveira 1925. A cidade de Campo Grande ao seu benemérito benfeitor”. Por ser o doador do terreno do cemitério e um dos articuladores desta obra, até hoje a figura dele é lembrada e louvada como importante vulto da sociedade campo-grandense. Como é comum seu nome batizou, ruas, escolas e outros locais públicos. Fica assim, o exemplo de que o morto não pertence mais a si, ele é apropriado pela cultura e sociedade em que viveu. (FIGURA, 03)

O túmulo de Amando Oliveira possui o tradicional formato de obelisco, que segundo muitos egiptólogos era utilizado para decorar os monumentos mortuários. (BAKOS, 2008, p. 178-202; CYMBALISTA, 2002, p. 86) Na Resolução nº 86, o Intendente solicitou a Câmara, a aprovação da resolução e a forma que deveria se executada a construção do túmulo – monumento – em homenagem ao senhor Amando de Oliveira. Seu túmulo deveria ser definitivo e construído com arenito vermelho da terra de Campo Grande, como forma de

10.4025/6cih.pphuem.530

atestar a sua ligação com esta terra. Mas segundo Machado (1990, p. 199), o arenito fora trazido da cidade de Miranda localidade que fica a 200 quilômetros de Campo Grande.

O médico e jornalista Ary Coelho de Oliveira foi eleito prefeito de Campo Grande em 1951. Era um prefeito amado pela população. No seu discurso de posse protestou contra os fatos ocorridos nas últimas administrações. Para ele a cidade vinha sendo administrada imoralmente e sem compostura cívica que deveria ser o dever de qualquer homem público. A cidade continuava a sofrer com o problema da falta de energia elétrica. A rede de esgoto era insuficiente e a água racionada. As ruas estavam esburacadas pela erosão, sem rede de coleta de águas pluviais, sem sarjetas e meio-fios e serviço telefônico ruim. A cidade, na sua visão, encontrava-se em total abandono. Ary Coelho era um homem que comprava brigas e, muitas vezes, grandes brigas. Sua tendência de ascensão política era tornar-se governador do Estado de Mato Grosso. Segundo Edílson Martins foi um dos primeiros a levantar-se para defender o direito do índio a terra. (MARTINS, 1978, p. 215)

O periódico o Matogrossense, do dia 22 de novembro de 1952, noticiou com a manchete: Os lutuosos acontecimentos de Cuiabá. Segundo a notícia ao chegar a Cuiabá Dr. Ary foi informado que corriam em Cuiabá informações sobre ameaças de morte contra ele e contra sua comitiva. Ary Coelho não levou a sério às informações, pois sabia que os cuiabanos não eram dados a “atos de covardias” deste tipo. Mas o mesmo no dia 21 de novembro de 1952, foi assassinado.

O periódico Jornal do Comércio, do dia 24 de novembro de 1952, possuía como sua manchete: Lamentamos todos a tragédia que enlutou Campo Grande. A notícia começava com a informação do desaparecimento, que fora trágico e inesperado. Na sequência relatava o fato que traumatizou a cidade por anos, a morte em Cuiabá de Ary Coelho. O jornal ainda realizou um grande necrológio em homenagem ao morto. Destacava também que a morte do mesmo uniu os adversários trabalhistas e conservadores, à esquerda e a direita em um só lamento.

Segundo o inquérito policial publicado no Jornal do Comércio, de 10 de dezembro de 1952, estando o Dr. Ary na Comissão de Estradas de Rodagem de Mato Grosso, no dia 21 de novembro de 1952, quando a polícia foi informada por telefone que o prefeito de Campo

Grande fora assassinado por Alcyr Ferreira Lima. O motivo seriam difamações proferidas em jornais de Campo Grande e de Cuiabá.

Ary Coelho também teve sua redenção. Foi elevado ao panteão de heróis campograndenses. Em 26 de novembro de 1952, cinco dias após a sua morte pelo projeto número 370, o antigo local do primeiro Campo Santo, que se denominava praça da Liberdade passou a se chamar praça Dr. Ary Coelho. No dia 27 de novembro de 1952, o vereador Guliver Ferreira Leão propôs a construção de um busto na mesma praça pública, como uma homenagem póstuma ao ex-prefeito. Para ele, isto ia de encontro ao movimento popular em torno da morte de Ary Coelho.

O túmulo do Dr. Ary Coelho foi construído todo em mármore branco e com algumas simbologias bem interessantes. No plano principal nenhum símbolo cristão. O valor dos símbolos não está contido em seu desenho, mas no que ele representa. No alto, acima da figura do Cristo amparando uma mãe com seu filho ao colo, identifica-se o símbolo de Asclépio, representado por um bastão tosco com uma serpente em volta, chamado também de caduceu.

O bastão de Asclépio que decora o túmulo, tem a sua origem na mitologia grega. Asclépio ficou conhecido como o deus da medicina e da tradição médica. Ary Coelho foi médico e por isso se junta na representação do seu túmulo a sua profissão através da simbologia clássica e a simbologia cristã, na última, onde o Cristo é chamado de médico dos médicos. O mármore branco também remete a simbologia da roupa alva e da higiene da profissão médica. (FIGURA, 04)

Glauce Rocha foi uma das mais importantes atrizes brasileiras, mas, desde criança, sonhava em ser médica. A vida, no entanto, a levou por caminhos bem diferentes. Glauce Rocha se tornou atriz numa época politicamente difícil do Brasil, em plena ditadura Getúlio Vargas, quando as atrizes eram consideradas, oficialmente, prostitutas e recebiam, dos órgãos do governo, a mesma “carteirinha” de identificação. Glauce foi uma das primeiras atrizes a lutar pelo reconhecimento da sua profissão. Por muitos anos as atrizes eram comparadas as prostitutas.

Glauce Rocha se tornou conhecida no meio artístico pela incrível capacidade de trabalho. O dia inteiro na televisão, à noite no teatro e ainda conseguia tempo para fazer

cinema, lutar politicamente pela regulamentação da carreira de ator e contra a censura que tanto na ditadura de Getúlio quanto na ditadura militar campeava solta nos meios de comunicação do país. (CONRADO, 1996, p. 19)

Entre as suas posições políticas manteve amizade com os comunistas Orlando Bonfim e Mário Alves, então dirigentes do Partido Comunista Brasileiro. Glauce conseguiu os proteger e os salvou da prisão e da morte em 1964. Infelizmente, os dois não conseguiram sobreviver ao regime militar e acabaram sendo assassinados. (CONRADO, 1996, p. 29) Mesmo após a morte de vários defensores da liberdade, Glauce não se deixou abater e continuou a sua luta pela liberdade de expressão e a liberdade política.

Acontece que para fazer tudo isso, Glauce tomava remédios para dormir e remédios para acordar. Fumava muitíssimo. Abusava da saúde. Seus principais trabalhos foram no Cinema Novo, assim, Glauce teve vários problemas com a censura. Participou de clássicos como Rio 40º, de Nelson Pereira dos Santos, em 1955, e Terra em Transe, de Glauber Rocha, em 1967.

Um dos seus últimos desejos, em caso de sua morte, era o de ser enterrada em Campo Grande, sua terra natal. Este pedido fora efetuado a Joaquim Nunes, que prontamente o atendeu. Ela o solicitou que fosse enterrada no túmulo de sua mãe no cemitério de Santo Antonio em Campo Grande. (FIGURA, 01) Sua mãe falecera um ano antes de sua morte. (CONRADO, 1996, p. 37)

Dentro do microcosmo do cemitério e entre tantos vultos optou-se para este artigo por escolher quatro personagens. Apesar da sua importância para a cidade, o abandono do cemitério é visível. Enquanto, historiador e crítico social também se alerta aqui as autoridades públicas e a sociedade para que o cemitério de Santo Antônio seja recuperado e cuidado. Pois, o cemitério é um patrimônio público, social e cultural da cidade de Campo Grande. Ele não pode ser comparável as mais famosas necrópoles do Brasil e do mundo, fato este que se deveu a sua formação e constituição. Suas quadras, ruas e sepulturas são irregulares e apresentam a forma que a sociedade o tratou durante os anos. O abandono também é explicado por causa do prestígio dos cemitérios parques junto às famílias mais abastadas de Campo Grande. Assim, através de um projeto de visitas guiadas pode-se ensinar aos mais jovens a importância do cemitério de Santo Antônio, assim tentar reverter a sua degradação e

10.4025/6cih.pphuem.530

impedir que a sua importância para a história social e urbana de Campo Grande seja esquecida.



Figura 01: Túmulo de Glauce Rocha.
Fonte: Arquivo pessoal 2013.



Figura 02: Túmulo de José Antonio Pereira.
Fonte: Arquivo pessoal 2008.



Figura 03: Túmulo de Amando de Oliveira.
Fonte: Arquivo pessoal 2008.



Figura 04: Túmulo de Ary Coelho.
Fonte: Arquivo pessoal 2011.

Referências:

ARIÈS, Philippe. *L' homme devant la mort*. II. La mort ensauvagée. Paris: Seuil, 1985.

CONGRO, Rosário. *O Município de Campo Grande – 1919*. Estado de Matto Grosso: Publicação Oficial, 1919.

CONRADO, Aldomar. *Glauce Rocha: uma vida interrompida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

CRUZ, Luana. *Cemitério do Bonfim receberá visitas guiadas a túmulos e mausoléus em Belo Horizonte*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/24/cemiterio-do-bonfim-recebera-visitas-guiadas-a-tumulos-e-mausoleus-em-belo-horizonte.htm>>. Acesso: 28 mar 2013.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos seguido de Envelhecer e Morrer*. Tradução: Plínio Dentzieni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2 Vol. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FLORES, Ana Paula Marquesini. *Descanse em paz: Testamentos e Cemitério Extramuros na Santa Maria de 1850 a 1900*. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/PUC, Porto Alegre.

FRANCO, Anna Paula. *Visita ao cemitério conta histórias de Curitiba*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blog/blogturismo/?id=1304414&tit=visita-ao-cemiterio-conta-historias-de-curitiba>>. Acesso: 28 mar 2013.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Tradução Drs. Odilon Gallotti e Gladstone Parente. Rio de Janeiro: Editora Delta, S/D.

MARTINS, Edílson. *Nossos índios, nossos mortos: reportagens, entrevistas, artigos*. 2ª Ed. São Paulo: Codecri, 1978.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: Alencastro, L. F. *História da vida Privada no Brasil*. v 2. São Paulo. Companhia das Letras, 1997. p. 95-142.

SOUZA, Fabio William. *Fronteiras póstumas: a morte e as distinções sociais no Cemitério Santo Antônio em Campo Grande*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados.

Periódicos:

Correio do Sul. 02/11/1922.

Jornal do Comércio. 24/11/1952.

Jornal do Comércio. 10/12/1952.

Matogrossense. 22/11/1952.

Matogrossense. 25/11/1952.